

FUTEBOL É GUERRA: A METÁFORA CONCEPTUAL DO FUTEBOL

Lucienne C. Espíndola¹

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a conceptualização de futebol nos dias de hoje, inspirada em outra pesquisa² que objetivou descrever as expressões e respectivas metáforas conceptuais recorrentes em crônicas esportivas na década de 1950 (o corpus foi O berro impresso das manchetes de Nelson Rodrigues). Essa pesquisa revelou futebol, recorrentemente, conceptualizado como guerra, por meio da metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA. Aqui, apresento os resultados da pesquisa que, à luz da teoria da Metáfora Conceptual, investigou se futebol, atualmente, continua sendo conceptualizado como guerra.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Futebol. Expressões linguísticas.

Abstract

This article presents the results from a research about the soccer conceptualization; it was inspired in other research which aimed to describe the linguistic expressions and their conceptual metaphors, recurrent in sport chronicles in the 1950s (the corpus was The printed roar of headlines from Nelson Rodrigues). This research revealed soccer, recurrently, conceptualized as war, through the conceptual metaphor SOCCER IS WAR. In this article, we present the results of the research which has the theory of Conceptual Metaphor as background, it investigated whether soccer remains being conceptualized as war nowadays.

Keywords: Conceptual metaphor. Soccer. Linguistic expressions.

Introdução

A pesquisa gênese deste artigo foi desenvolvida por meio do subprojeto *As metáforas/metonímias conceptuais no gênero discursivo crônica esportiva*, no livro *O berro impresso das manchetes*, que reúne crônicas esportivas escritas pelo escritor Nelson Rodrigues na década de 1950. O objetivo dessa pesquisa foi investigar quais metáforas/metonímias conceptuais eram recorrentes no corpus descrito. Dos resultados, utilizo, aqui, somente as expressões linguísticas que atualizam a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA, metáfora bastante recorrente no corpus investigado, salientando que, neste artigo, procedo a uma nova leitura semântico-discursiva relativa à conceptualização de futebol naquele momento.

Os resultados dessa investigação suscitaram outra ‘curiosidade acadêmica’: como *futebol* está sendo conceptualizado atualmente? E, para tentar responder a essa indagação, realizei uma investigação em dois *blogs* de comentaristas de esporte – Juca Kfourri e Milton Neves. Adotei procedimento semelhante ao da primeira pesquisa: selecionei desses autores somente os textos cujo foco fosse o *futebol* para constituir o *corpus*. O objetivo foi investigar se futebol continua sendo conceptualizado como *guerra*, consequentemente a investigação centrou-se na identificação da metáfora FUTEBOL É GUERRA e respectivas expressões linguísticas atualizadoras.

Para realizar minha investigação, filiei-me aos pressupostos teóricos de Lakoff e Johnson (2002[1980]), Kövecses (2002), Espíndola (2010, 2011), entre outros. Os teóricos aos quais faço referência situam a metáfora em uma

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: lucienne_@hotmail.com

² Essa pesquisa - vinculada ao Projeto Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA) e desenvolvida no Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT) – foi realizada, sob minha orientação, pela graduanda em Letras, Tatiane Gomes de Moura, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPB), no período de agosto/2010 a julho/2011. O corpus dessa pesquisa está disponível no LASPRAT.

perspectiva conceptual, sendo, portanto, parte do nosso cotidiano “[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.45)

A metodologia seguiu as seguintes etapas: no *corpus* do subprojeto, fiz a seleção das expressões linguísticas que concretizam linguisticamente a metáfora FUTEBOL É GUERRA, com uma subsequente releitura semântico-discursiva; posteriormente, com os resultados, passei a investigar a presença dessa metáfora em textos de hoje. Desta feita com um objetivo mais verticalizado: Como *futebol* está, atualmente, sendo conceptualizado em textos sobre esse tema? De posse dos resultados, fiz a comparação entre os dois momentos e teci algumas considerações.

1. A Metáfora Conceptual

Concebo, aqui, a metáfora na perspectiva cognitiva de Lakoff e Johnson (2002[1980]), para a quem a metáfora não se configura como ornamento linguístico de textos do domínio literário, mas é vista como um processo cognitivo que está subjacente à linguagem, está no espaço cognitivo. Para eles, as metáforas “são um dos nossos principais veículos para a compreensão. Desempenham um papel central na construção da realidade social e política.” (p. 261).

Até a década de 1980, a metáfora era prerrogativa dos textos literários, não sendo admitida a presença em outros domínios discursivos. A justificativa para essa ‘proibição’ estava relacionada à distinção entre textos objetivos e textos subjetivos, sendo que somente eram incluídos nestes últimos os textos cujo objetivo fosse o deleite, os literários; os demais textos deveriam primar pela objetividade, portanto a presença de metáforas não era admitida, uma vez que ser objetivo significava veicular verdades absolutas.

Essa concepção de metáfora reflete uma concepção de compreensão de mundo cujo princípio básico é o objetivismo, caracterizador do paradigma dominante, na cultura filosófica ocidental, a respeito do conhecimento, até o final do século passado.

Lakoff e Johnson, sobre a verdade absoluta postulada pelo paradigma objetivista, assim se posicionam: “Argumentamos que a verdade é sempre relativa a um sistema conceptual, que qualquer sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza e, portanto que não há verdade inteiramente objetiva, incondicional ou absoluta.” (2002, p. 293).

Porém, esses dois autores também não se identificaram com a tradição romântica, paradigma que se contrapunha ao objetivismo, em que “cada indivíduo cria sua própria realidade, sem qualquer restrição” (idem, p. 294). Então eles propuseram uma terceira perspectiva: a do experiencialismo.

De acordo com o mito experiencialista, o conhecimento científico ainda é possível. Mas desistir do postulado da verdade absoluta poderia tornar a prática científica mais responsável, uma vez que haveria uma consciência geral de que uma teoria científica pode esconder ao mesmo tempo que revela. (idem, p.344)

E, nessa linha experiencialista, uma verdade pode ser compreendida, pelo menos, de duas formas: direta imediata, em que “compreendemos diretamente a partir do nosso envolvimento físico direto como uma parte inseparável de nosso ambiente imediato.” (idem, p.282); e indireta, em que “aspectos de nossa experiência não podem ser delineados claramente em termos das dimensões que emergem naturalmente da nossa experiência”. (idem, p.284); ou seja, compreendemos esses aspectos em termos de outras entidades e experiências.

O segundo modo de compreender uma verdade exemplifica um processo metafórico, caracterizado como “compreender uma coisa em termos de outra”. (idem p. 47), em que compreendemos experiências, conceitos, entidades e objetos com base em experiências cotidianas vivenciadas ou partilhadas por membros de uma cultura.

Mesmo que inconscientes, recorremos às nossas experiências cotidianas mais concretas para falar de conceitos abstratos. Quando se fala de *amor*, por exemplo, recorre-se às experiências mais concretas, as quais balizam a conceptualização de amor ‘escolhida’ ou ‘culturalmente’ experienciada e defendida por um determinado grupo social. A metáfora conceptual subjacente ao nosso discurso sobre o amor revela nossa concepção de amor, resultante de nossas próprias experiências ou de experiências conhecidas e aceitas. Por isso o amor é metaforizado de formas diferentes: AMOR É GUERRA, AMOR É VIAGEM, AMOR É DOENÇA, AMOR É LOUCURA³, entre outras.

Essas metáforas podem ser observadas atualizadas em textos do cotidiano por meio de expressões linguísticas como: *Esse amor ainda dói muito! Vou lutar por esse amor! Nosso amor chegou ao fim! Esse amor tá me enlouquecendo!* As expressões aqui selecionadas são as mais óbvias entre muitas outras que concretizam as metáforas citadas. O conceito abstrato – amor – é conceptualizado, pelo menos, de quatro formas diferentes, advindas da base formadora do sistema conceptual de determinada cultura, de um grupo social; ou seja, esse conceito é compreendido em termos das experiências amorosas tidas por um grupo como sendo as ‘corretas’ (adequadas) ou pela própria experiência individual de cada um, que pode ser um caso isolado, revelando um valor pessoal. Mas, saliente-se que essa conceptualização é cultural, uma vez que os comportamentos individuais revelam valores culturais. Lakoff e Johnson (2002[1980]) resumem de forma magistral: “Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o ‘mundo’ de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si”. (p.129).

³ Metáforas já abordadas por Lakoff e Johnson (2002[1980]).

⁴ Condição adicional para a presença de metáfora é que alguma resolução pode ser encontrada para essa incongruência que dá sentido ao duplo conteúdo semântico.

Salientamos, no entanto, que das experiências (domínio fonte) são mapeados somente alguns aspectos para o domínio alvo – conceito que está sendo conceptualizado. Na metáfora AMOR É VIAGEM, somente alguns aspectos de *viagem* são evidenciados e utilizados para se falar de amor, outros são silenciados. Do campo da *viagem* é evidenciado o aspecto de a viagem seguir um caminho com partida e chegada definidas, ter uma direção. No caso da expressão linguística *Nosso amor chegou ao fim*, é concretizado o aspecto negativo (triste) de se chegar ao fim de uma viagem, pois sempre que se chega ao fim de uma viagem bate o sentimento de nostalgia, tendo sido a viagem boa ou ruim.

Segundo Lakoff e Johnson (2002[1980]), “[...] tendemos a estruturar os conceitos menos concretos e inerentemente mais vagos (como aqueles para expressar emoções) em termos de conceitos mais concretos, os quais são mais claramente delineados em nossa experiência.” (p.201)

As quatro metáforas citadas exemplificam quatro formas diferentes de se conceptualizar *amor*: o domínio alvo *amor* sendo conceptualizado, utilizando um dos quatro domínios origens (*guerra*, *viagem*, *doença* e *loucura*). É possível também ver um domínio fonte sendo utilizado para conceptualizar diferentes domínios alvos: é o caso de *guerra*, que pode emprestar aspectos para conceptualizar conceitos como amor, discussão, futebol, entre outros.

Assim, no cruzamento de dois domínios, do domínio origem o locutor mapeia alguns aspectos para o domínio alvo. Saliente-se, porém, que o conceito do domínio origem não é transposto na íntegra; somente alguns aspectos são mapeados para o domínio alvo. Além disso, é preciso dizer que o locutor parte da presunção de que o domínio origem é do conhecimento partilhado do interlocutor. (ESPÍNDOLA, 2011, p.17)

Ressalto, porém, que o mapeamento de aspectos de um domínio (origem) para outro domínio (alvo) gera, inicialmente, um estranhamento ou incongruência, aspecto que, segundo Cameron (2003, p.4), sinaliza uma possível presença de metáfora: “The incongruity between the content of the discourse context and the content of the item signals the possible presence of metaphor”.

Além da condição de incongruência, a autora cita uma condição adicional como critério para identificar uma metáfora conceptual: Further requirement for the presence of metaphor is that some resolution can be found to this incongruity that makes sense of this ‘double semantic content’.⁴ (KITAY, 1987, apud CAMERON, 2003, p.4).

Em nossas pesquisas, mesmo que de forma não sistemática, o critério da incongruência semântica sempre foi considerado para identificar as expressões linguísticas licenciadas pela metáfora FUTEBOL É GUERRA.

2. A Metáfora Conceptual Futebol É Guerra: Em Dois Momentos

O primeiro *corpus* foi o livro *O berro impresso das manchetes*, que reúne 163 crônicas esportivas, em sua grande maioria sobre futebol. São crônicas que foram escritas por Nelson Rodrigues, na década de 1950, para serem publicadas na revista *Manchete Esportiva*, mas só reunidas no livro citado, no ano de 2007. O segundo *corpus* está constituído de textos publicados, durante o ano de 2012, nos *blogs* de dois comentaristas de esporte, Juca Kfourri e Milton Neves. Selecionei, nesses dois *blogs*, os textos cujo foco tenha sido o futebol. Nas duas pesquisas, foi utilizado o método de leitura proposto por Sardinha (2007), que “consiste em encontrar metáforas pela leitura de materiais escritos” (p.145): na primeira etapa, os textos foram lidos “sem nenhuma metáfora específica em mente [...]”; já, na segunda, li os textos buscando uma metáfora específica: FUTEBOL É GUERRA.

Ressaltamos que a segunda pesquisa surge em decorrência da primeira, uma vez que, na primeira investigação, houve a presença bastante significativa da metáfora FUTEBOL É GUERRA. A partir desse resultado, estabeleci, como objetivo, investigar se *futebol*, atualmente, ainda está sendo concebido como *guerra*. Utilizei, nessa etapa, textos de dois autores para, com um pouco mais de segurança, poder ter uma amostragem de como *futebol* tem sido conceptualizado no domínio esportivo.

... sido conceptualizado no domínio esportivo.

2.1. Primeiro Tempo: Década de 1950

Com o objetivo de identificar a presença de metáforas conceptuais atualizadas em expressões linguísticas nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, foi empreendida uma pesquisa de natureza descritiva, quantitativa e qualitativa, salientando que os números são coadjuvantes, mas se fizeram imprescindíveis, pois foi a partir dos números que se pôde identificar a metáfora FUTEBOL É GUERRA como sendo uma das mais atualizadas no *corpus* investigado.

As crônicas investigadas revelaram que futebol, na década de 1950, era conceptualizado como guerra. Aqui é preciso evidenciar que, na perspectiva cognitiva a que filio esta investigação, *futebol* (domínio alvo) é conceptualizado em termos de *guerra* (domínio fonte), porém nem todos os aspectos relativos à guerra são mapeados para o domínio alvo. O conceito de *futebol* é parcialmente compreendido em termos do conceito de *guerra*.

O conceito de *futebol* é construído a partir do conceito de conflito físico (luta), que é algo que encontramos frequentemente no mundo animal, mais especificamente no mundo dos humanos.

Os animais lutam para obter o que desejam – alimento, sexo, território, controle etc. – porque há outros animais que desejam a mesma coisa ou querem impedir os primeiros de obtê-las. Isso vale para os humanos também; a diferença é que nós desenvolvemos técnicas mais sofisticadas para obter o que desejamos. Sendo

“animais racionais”, institucionalizamos nossa luta de várias maneiras, uma das quais é a guerra. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.134)

Apresento, a seguir, uma amostragem das expressões linguísticas que atualizam a metáfora conceptual **FUTEBOL É GUERRA** no *corpus*.

Vencíamos por 1 x 0 e, se o tiro de Hapel entrasse, a **batalha poderia, instantaneamente, mudar de panorama**. (C.125)

Insisto: **nos primeiros três minutos da batalha**, já o “seu” Manuel, já o Garrincha, tinha derrotado a colossal Rússia, com a Sibéria e tudo o mais. (C.126)

Babá atirou-se à batalha com uma gana, uma garra, um élan de antigo titular. (C.132)

Apenas isto: **quase mata o arqueiro adversário com uma bomba**. (C.134)

A derrota vascaína, por si só, bastaria **para conferir à batalha uma dimensão patética**. (C.134)

Mas esse homem, que não inspira manchetes, foi, sem dúvida, **a maior figura da batalha Botafogo x Bangu**. (C.135)

Geralmente, os craques que usam largamente o drible passam por um, dois e perdem a bola para o terceiro. **Décio, não. Vai ceifando os contrários, vai perfurando, vai desbravando**. (C.135)

E porque foi a figura máxima da **batalha**, aqui está ele como meu personagem da semana. (C.135)

E **quando ele partia para o gol**, todo mundo saía da frente, porque **lá vinha bomba**. (C.136)

Wilson Moreira foi varrendo, ceifando os adversários que atravessaram o seu caminho. (C.136)

E que **bomba, amigos, que bomba!** (C.136)

E é quase impossível selecionar, entre 22 ou 25, **a figura que possa traduzir o símbolo pessoal e humano da batalha**. (C.138)

Sim, amigos: **a batalha de sábado** esteve cheia de personagens da semana. (C.138)

O torcedor não se lembra das peladas, mas tem uma memória implacável para as **batalhas decisivas**. (C.138)

Pois bem: começa o jogo. **Zagallo se atira na batalha**. (C.138)

Walter Scott, se o conhecesse, diria: “Zagallo, Coração de Leão”. E, súbito, o destino o derruba. **Fora ceifado** e não voltaria mais. (C.138)

Sabe-se que era **importantíssima a batalha de ontem para o certame**. (C.140)

Será realmente velho um jogador que tem, em qualquer **batalha**, uma participação assim apaixonada e total? (C.140)

E como controlar uma **velocidade que perfura tudo como uma bala?** (C.140)

Na batalha de ontem, o sarrafo cantou, de parte a parte. (C.140)

Amigos, eu vi **jogadores ceifados, dizimados**. (C.140)

O único tento do Vasco foi uma **bomba** do novo De (C.140)

Este **atirou uma bomba** passional que definiu o jogo. (C.140)

E confesso que, se fosse falar **da batalha de sábado**, o personagem da semana não seria nenhum dos 22 jogadores. (C.142)

Sim, amigos: o Rubens que cobrou o pênalti contra o Bota e deu **uma bomba** miseranda, que liquidou Ermani, é um falecido, um ex-cadáver. (C.142)

Nada disso. **Ao terminar a primeira etapa da batalha** olhava o placar e não entendia o espetacular e ultrajante. (C.143)

Luta até o fim, até a última gota da **batalha**, sem esmoer jamais. (C.144)

Mas enquanto o sueco, o francês, ou o galês pensavam não faria “seu” Mané, já o **brasileiro se tinha disparado com um tiro, já invadira a área inimiga**, com uma velocidade superior à do som, à da luz. (C.148)

Ora, **um cidadão que numa batalha, como a de domingo, é crucial para o campeonato**, um cidadão, dizia eu, que por cima de duas penalidades máximas, é, automaticamente, um herói. (C.149)

Tem uma **penetração e uma velocidade de bala**. (C.150)

Mas como eu ia dizendo: - **Garrincha teve um lampejo de campeão do mundo e disparou**. Digo “disparou” porque efetivamente, **partiu como um tiro de revólver**. (C.154)

Trata-se de um juiz, e, justamente, **o que apitou a batalha** encerrou a guerra do Sul-Americano. (C.156)

De certa feita, driblaria toda a defesa contrária para **finalizar com uma bomba** e que bomba! (C.161)

Amigos, eu vi **jogadores ceifados, dizimados**. (C.140)

Os excertos acima demonstram a recorrência das expressões linguísticas que atualizam a metáfora conceptual **FUTEBOL É GUERRA**. Todos os termos que aparecem nesse grupo de expressões – *batalha, disparar, bomba, área inimiga, ceifando os adversários* – são originalmente do domínio fonte guerra, mas foram mapeados para o domínio alvo *futebol*.

Apesar de *futebol*, em nossa cultura, conceptualizado em termos do conceito de *guerra*, preciso salientar que, na guerra, há quase que um ‘vazamento’, inclusive com o derrame de sangue - consequentemente quase natural - assemelhando-se à luta entre animais brutos. No futebol, pelo contrário, esse aspecto não é, de maneira alguma, incorporado, mas a essência da luta é visivelmente mantida no futebol, porém de forma mais racional do que em uma guerra.

Embora uma partida de futebol possa ser considerada um conflito real físico, difere do conflito físico

da guerra, que se assemelha ao conflito de animais brutos, por mais que se divulgue que há uma ética na guerra. O conflito físico é observado também no futebol, mas com regras muito claras, as quais impedem ou punem o contato físico violento. Mas essas regras não impedem que haja o que é próprio dos animais brutos, “práticas de intimidação, de estabelecimento e de defesa de território, de ataque, de defesa, de contra-ataque, de recuo e de rendição.” (LAKOFF; JOHNSON, p. 134)

2.2 Segundo Tempo: Hoje

O segundo tempo é o refinamento do primeiro, no sentido de poder dizer que *futebol*, para alguns, tem sido conceptualizado como *guerra*. Embora saibamos que há outras conceptualizações de *futebol*, essa parece ser a mais utilizada ou mais conhecida.

Busquei confirmar a hipótese surgida na primeira investigação - *futebol* é conceptualizado em termos de guerra - em textos de dois blogs de comentaristas de esporte: Juca Kfourri e Milton Neves. Utilizei autorias diferentes para eliminar a possibilidade de o uso da referida metáfora ser uma questão de estilo do autor.

Os excertos abaixo confirmam a hipótese de que a metáfora FUTEBOL É GUERRA ainda continua sendo uma das metáforas conceptuais mais atualizadas em textos quando o assunto é futebol.

Agrupei as expressões linguísticas atualizadoras da metáfora FUTEBOL É GUERRA, considerando que aspectos do conceito guerra estão sendo mapeados para falar sobre *futebol*. Esse agrupamento resultou da recorrência, nos textos, de quatro aspectos relativos à guerra:

- o evento como um todo sendo denominado como guerra, duelo, luta, disputa;
- espaços próprios da guerra;
- ações específicas dos envolvidos em uma partida de futebol;
- instrumentos utilizados em uma guerra.

Esses quatro aspectos da guerra são, no *corpus*, os meios para se falar de *futebol*, salientando que outros foram silenciados.

As expressões abaixo atualizam a metáfora FUTEBOL É GUERRA por meio de expressões utilizadas para fazer referência ao ato de jogar futebol ou aos envolvidos no ato.

Corinthians 3 x 1 Grêmio, no duelo entre Tite e Luxemburgo, que estavam em papéis trocados na final da Copa do Brasil de 2001, quando o time gaúcho saiu vitorioso. (MN.T4)
Para a surpresa de todos, Ney Franco escalou para o duelo diante do Corinthians seu time reserva. (MN.T8)

Teve expulsão do Luxemburgo, do Damião, e o mais inacreditável: D’Alessandro separando uma briga. Acredita? (Mas depois ele também partiu para cima, na confusão generalizada no final do duelo). (MN.T8)

Guerreiros! (título do texto) (JK.T6)



Contra os seus rivais cariocas, também está invicto, com duas vitórias sobre o Flamengo, um empate e uma vitória sobre o Botafogo e mais uma contra o Vasco, com quem fechará o Brasileiro. (JK.T6)

O Cruzeiro, próximo adversário, também ainda não perdeu. (JK.T6)

O Palmeiras trocou Marcos Assunção por Luan e foi à luta e o Flu teve de trocar Nem por Marcos Junior. (JK.T7)

Enquanto o Bahia esmagava o Grêmio e perdia gols e exigia defesas de Marcelo Grohe até fazer 1 a 0, aos 41 do primeiro tempo, com Gabriel, em Pituáçu (32.157 pagantes) sem que os gaúchos o ameaçassem até dois minutos depois, quando Kléber empatou 1 a 1, o Sport matava o São Paulo na Ilha do Retiro, com 31.599 pagantes. (JK.T10)

Na luta pelo segundo lugar e a classificação direta na Libertadores, dois jogos: em Belo Horizonte, duelo de Atlético, o Mineiro, favoritíssimo, e o Goiano. E no Canindé, o Grêmio, abalado e cansado pela eliminação na Copa Sul-Americana, precisa afundar a Portuguesa, que luta para não cair. (JK.T5)

Torcer pela remarcação do duelo é de virar o estômago do palmeirense puro-sangue, daquele que aprendeu a amar um dos maiores vencedores do futebol nacional, dos que sempre viram um Palmeiras altivo e valente e não compactuam com mesquinhas. (JK.T9)

Nesses excertos, as partidas de futebol são referidas como guerra, duelo, luta, disputa; essas expressões linguísticas são do domínio da guerra, mas foram mapeadas para o domínio do futebol para conceptualizá-lo. Inclusive o texto não verbal conceptualiza uma partida de futebol como sendo uma guerra: jogadores portando armas e com a expressão de quem está com sede de luta; o treinador também é caracterizado como um guerreiro.

O segundo grupo de expressões revela as ações próprias dos envolvidos na guerra, as quais são mapeadas para descrever as ações dos envolvidos e/ou fazer referência aos envolvidos em uma partida de futebol.

Já começou bem, com a defesa deixando Ademilson marcar o do Tricolor antes do primeiro minuto. O goleirão Wilson nem se deu o trabalho de pular pra pegar. (MN.T5)
Porém, ineficiente no ataque, o São Paulo quase complicou o jogo “mamão com açúcar”. (MN.T10)

Montillo foi o melhor dos hermanos numa seleção argentina mais B que a brasileira, frustrada pela atuação apagada da dupla de ataque Fred e Neymar. (JK.T15)

Diego Cavalieri estreou sem trabalho e Mano Menezes ousou ao deslocar Jean para a lateral-direita e botar a revelação do Brasileiro, Bernard, para jogar **com três atacantes** no momento em que Lucas Marques se machucou e a Argentina saiu em busca da vitória. (JK.T15)

Aos 44, no entanto, **um contra-ataque argentino** acabou de novo nos pés de Scocco que fez 2 a 1, mesmo placar, mas para o Brasil, do jogo em Goiânia, e levou a decisão aos pênaltis. (JK.T15)

O grande desafio de hoje é o de parar a **dupla de ataque colombiano**, esteja Gutiérrez ou Martínez ao lado de Falcão — o centroavante do Atlético do Madrid tido como o melhor camisa 9 do mundo no momento. (JK.T16)

O Fluminense tem simplesmente o **melhor ataque com 59 gols, a melhor defesa com 28 sofridos** em 35 jogos, o artilheiro Fred com 19 gols e o impressionante aproveitamento de 72%. (JK.T17)

No Olímpico tomado (40.217 pagantes), Grêmio e São Paulo jogaram um primeiro tempo equilibrado, com o tricolor gaúcho tomando mais a iniciativa do jogo e o paulista tratando de surpreender em **velozes contra-ataques**. (JK.T18)

Num deles, Luís Fabiano exigiu **boa defesa de Marcelo Grohe**. (JK.T18)

Na primeira ele fez um milagre em chute à queima-roupa de Cahill, **na segunda defendeu bem uma bola** de Fernando Torres e **no terceiro fez uma defesa espetacular** em finalização de Moses. (JK.T18)

As expressões linguísticas atualizadoras da metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA, nos excertos, são originalmente do campo semântico da guerra — *ataque, defesa, contra-ataque, atacante*. Como, em nossa cultura, futebol é, na maioria das vezes, assim conceptualizado, não nos damos conta que esses termos são do domínio fonte *guerra*. É preciso salientar que somente alguns aspectos das ações do domínio da *guerra*, *atacar, defender, contra-atacar*, foram mapeados para conceptualizar o domínio do *futebol*.

O terceiro bloco de expressões linguísticas evidencia duas ações próprias do futebol: *chute à queima roupa* e *bomba*. Esses dois recursos têm suas origens na guerra e são mapeados para o domínio do futebol para desse esporte falar.

Em seguida o goleiro Paulo Victor fez milagre para manter a vantagem, em **chute à queima-roupa** de Botti. (JK.T11)

Diego Cavalieri, revelado no Palestra Itália, impediu, com uma defesa milagrosa, a virada verde sobre o Fluminense, num **chute à queima roupa** de Maurício Ramos. (JK.T4)

Aos 30, milagre de Diego Cavalieri em **chute à queima-roupa** de Maurício Ramos. (JK.T7)

Mesmo assim, aos 19, logo depois de Denílson também sair, **Rafael Tolói mandou uma bomba** em cobrança de falta do meio rua para ampliar para 4 a 0. (JK.T8)

Na primeira ele fez um milagre em **chute à queima-roupa** de Cahill, na segunda defendeu bem uma bola de Fernando Torres e no terceiro fez uma defesa espetacular em finalização de Moses. (JK.T18)

A expressão *chute à queima-roupa*, inicialmente, tem sua origem no domínio da *guerra*, embora hoje também esteja associada ao domínio do *crime*; sendo usada para descrever um tiro dado a uma distância pequena, o que gera um grande estrago na vítima, inclusive queimaduras na região atingida pela munição. Na conceptualização de *chute à queima roupa*, os aspectos utilizados foram: a curta distância entre o atirador e a vítima, e o fato de, por ser a curta distância, ser um chute de grande impacto. O ‘chute à queima roupa’ é um chute a curta distância é muito forte, tornando-o difícil de ser defendido pelo goleiro. Saliente-se que os aspectos: os efeitos destrutivos na vítima e a (i) legalidade do ato foram obscurecidos (apagados), pois caso todos os aspectos de *tiro à queima roupa* fossem mapeados para a expressão *chute à queima roupa*, esses dois atos seriam a mesma coisa e não haveria metáfora conceptual.

A expressão *bomba* utilizada no futebol tem como domínio fonte a *bomba* utilizada na *guerra*, definida como “artefato de destruição ativado por carga explosiva, lançado a partir de bocas de fogo terrestres, aeronaves, navios de superfície, ou manualmente” (HOUAISS eletrônico). Do domínio da *guerra*, foram trazidos os aspectos: semelhança no formato da bomba e da bola, o poder explosivo de uma bomba, a força, para conceptualizar *bomba* no domínio do *futebol*, como sendo um pontapé muito forte na bola (um chute muito forte); e outros foram ocultados, como elementos constitutivos, efeito deletério de uma bomba na guerra etc.

O quarto bloco evidencia as expressões que fazem referência ao espaço de uma partida de futebol, também originário da guerra.

Já o Palmeiras, se complicou ainda mais na rodada, caindo para a 18ª colocação e ficando a cinco pontos do primeiro time **fora da zona de degola**. (MN.T1)

Barcos e Assunção são elementos-chave nessa arrancada do Verdão para sair da **zona da degola**. (MN.T3)

Segue em queda livre rumo à **zona da degola**. (MN.T4)

Em tarde de Obina, Verdão consegue sair da **zona de degola**. São Paulo vence, mas não encanta... Colorado goleia e o Mengão continua tropeçando! (MN.T5)

Gangorra II – “Corinthiano” Douglas tira a liderança do São Paulo novamente! Luxa já caminha “na prancha” no Fla após tunda para o Furacão! E no jogo dos meus amores, Galo deixa a **zona da degola** para o Bahia! (MN.T6)

Ufa, saiu da **zona da degola**, mas mandou o Tricolor Baiano para lá. (MN.T6)

Vergonha!!! Corinthians é roubado de novo!!! Grêmio vira para cima da raposinha!!! Galo prestes a sair da **zona da degola!!!** Atlético de Renê ganha do Vasco e sai do sufoco!!! (MN.T7)

O xará goianiense ganhou do Vasco e também deve se salvar da **degola**. (MN.T7)

O Bahia, que bateu o Atlético-GO por 1 a 0, e a Lusa, que empatou com a Ponte, escaparam com as “calças nas mãos” da **degola**. (MN.T8)

Já que nem na hora da agonia as facções se uniram em torno da salvação **nesta verdadeira faixa de Gaza que habita o Parque Antarctica**, chegou a hora de botar para fora os responsáveis pela nova humilhação. (JK.T2)

Flamengo livre da degola. Figueira foi-se. (JK.T11)

Já o Coxa tratou de cozinhar o jogo para manter seus seis pontos de vantagem sobre o **rival e fora da zona de degola**, favorecido também pela vitória gremista. (JK.T12)

Hoje, faltando dez jogos para o campeonato terminar, os dois alvi-verdes do Paraná e de São Paulo, correm riscos, embora o time curitibano esteja cinco pontos **longe da degola**, diferentemente do clube paulistano, dentro dela durante quase todo o campeonato. (JK.T13)

Pior: nos jogos contra os três que fazem companhia ao Palmeiras na **zona da degola**, o Corinthians só empatou, no primeiro turno, com Sport, Atlético-GO e Figueirense, para quem também perdeu no segundo. Mui amigo do coirmão, como se vê. (JK.T14)

A expressão *zona de degola* foi mapeada do domínio fonte *guerra* para o domínio alvo futebol. Na *guerra*, a expressão *degola* foi utilizada, segundo o Wikipédia, na Revolução Federalista (1883-1893), no Rio Grande do Sul. Ficou conhecida como Revolução da Degola.

Do ponto de vista militar e logístico a degola decorria da incapacidade das forças em combate de fazer prisioneiros, mantê-los encarcerados e alimentá-los, pois, ambas lutavam em situação de grande penúria. Procurava-se, pelo mesmo motivo, poupar munição empregando um meio rápido de execução. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 10 dez. 2012)

Para o domínio do futebol, foram trazidos os aspectos da degola relativos a ser uma área perigosa, a estar a um passo da ‘morte’ (ser eliminado do campeonato). Para a expressão *zona de degola*, no domínio alvo futebol, não foram mapeados aspectos como o ato convencional de degolar propriamente dito, nem mesmo os instrumentos utilizados para realizar esse ato.

Conclusão

Os resultados apresentados neste artigo, os quais revelam o conceito de futebol construído a partir do conceito de guerra, corroboram o já dito por Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Pelo fato de tantos conceitos, que são importantes para nós, serem ou abstratos ou não claramente delineados em nossa experiência (as emoções, as idéias, o tempo etc.) precisamos apreendê-los por meio de outros conceitos que entendemos em termos mais claros (as orientações espaciais, os objetos etc.). (p. 205)

Além dessa ratificação, os resultados permitem-nos fazer, pelo menos, duas observações:

1) A metáfora FUTEBOL É GUERRA, recorrente nos textos (nas crônicas) de Nelson Rodrigues na década de 1950, também está subjacente de forma reiterada nos textos sobre futebol dos blogs investigados.

2) Essa constatação corrobora a hipótese de que futebol tem sido, em nossa cultura, conceptualizado como sendo uma luta, uma guerra: há adversário, há ataque, contra-ataque, chute à queima roupa, ‘zona de degola’. Todos esses aspectos originariamente próprios da guerra são mapeados para o domínio alvo futebol. Ou seja, para se falar de futebol, recorre-se aos conhecimentos sobre a guerra e alguns desses aspectos são selecionados e mapeados para conceptualizar futebol.

Saliente-se que futebol, em nossa cultura, também pode ser conceptualizado como arte em algumas situações; inclusive, por muito tempo, o futebol brasileiro foi assim divulgado para o mundo, atualizando a metáfora FUTEBOL É ARTE. Porém, os dois corpora investigados, representativos de duas épocas, revelaram a predominância da metáfora FUTEBOL É GUERRA.

Referência

BERBER SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007. 168 p.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London. New York: Continnum, 2003.

ESPÍNDOLA, L. Semantic-discursive functions of linguistic expression that materialize conceptual metaphor in discourse genres. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 26, n. especial, p. 571-585, 2010.

_____. (org.) *Metáforas conceituais no discurso*. João Pessoa: Editora Ideia/Editora da UFPB, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002[1980].

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

MOURA, T. G. de M. *As metáforas/metonímias conceituais no gênero discursivo crônica esportiva*. Relatório Final PIBIC, 2011.

RODRIGUES, N. *O berro impresso das manchetes / Nelson Rodrigues*. - Rio de Janeiro: Agir, 2007.